

## **HISTÓRIA DO ESPORTE: A CONTRIBUIÇÃO DE RICHARD MANDELL**

Marcelo Weishaupt Proni

Unicamp

Em *Sport: a cultural history* (publicado em 1984 pela Columbia University Press, em New York), o historiador Richard Mandell procurou oferecer ao público acadêmico um estudo abrangente e bem documentado sobre as origens do esporte e as variadas formas que este assumiu ao longo do tempo. Entendendo o esporte moderno como um fenômeno social relativamente recente, modelado pela dinâmica cultural anglo-americana, o estudo dedica maior atenção à institucionalização do esporte no Reino Unido e ao seu desenvolvimento posterior nos Estados Unidos. O propósito deste artigo é apresentar e discutir, de modo bastante sintético, a contribuição daquele livro para a compreensão do extenso período em que o mundo esportivo foi se constituindo, nos séculos XVIII e XIX.

O ponto de partida é a delimitação do objeto de estudo. De acordo com Mandell, é expressivo o número de sociedades humanas (por exemplo, em grandes civilizações da Antiguidade, na Europa medieval e em culturas nativas do continente americano) que deixaram registros de atividades físicas recreativas ou festivas, que podem ser associadas com o que hoje se denomina “esporte”. Embora essas atividades possam diferir bastante conforme o lugar, a época e o tipo de sociedade, o que chama atenção é que elas estão sempre presentes, ou seja, em toda organização social complexa são encontradas formas de competição esportiva. Contudo, não é uma tarefa simples estabelecer os papéis que os jogos e disputas atléticas desempenharam no desenvolvimento da cultura de um povo, principalmente quando se trata de uma sociedade sem documentação escrita e sem uma divisão rígida do tempo. Além disso, é equivocado inferir que exista uma linha hereditária ligando os esportes contemporâneos aos jogos e competições físicas do passado<sup>1</sup>.

A perspectiva de Mandell é que a maioria dos esportes modernos possui características que são particulares à nossa época. Tais características podem até ter existido de modo rudimentar ou parcial em épocas anteriores, como no caso de corridas de

cavalo e combates entre lutadores, que propiciaram divertimento e satisfizeram aspirações sociais durante milênios (assim como os espetáculos de dança e teatro). Mas, esse divertimento e essas aspirações são muito mais passíveis de ser socialmente instigados e satisfeitos na era atual – ele afirma – por causa da importância alcançada pelo lazer em muitas sociedades modernas. Para entender as particularidades do esporte moderno, então, é necessário evitar uma abordagem restrita ao esporte em si e examinar como evoluem as estruturas sociais, econômicas e culturais nas quais ele se insere.

Em princípio, Mandell considera que não pode ser uma mera coincidência o fato do esporte moderno (isto é, “o esporte como o conhecemos”) ter aparecido primeiro na Inglaterra, justamente quando aquela sociedade começava a sentir os efeitos da Revolução Industrial. Mas, segundo ele, poucos historiadores perceberam que as novas atitudes em relação aos jogos e competições esportivas (que originaram noções como: oportunidades iguais, *fair play*, regras codificadas, arbitragem, ligas trans-regionais e treinamento) tinham espantosas analogias na vida pública da Inglaterra pré-industrial; e que as características distintivas do esporte moderno têm sua origem precisamente nas mesmas circunstâncias sociais que fomentaram a produção industrial racionalizada. Ou seja, os esportes modernos não são um mero produto da industrialização. São antes o resultado no âmbito cultural de processos muito mais gerais: “Os esportes modernos, portanto, são adaptações particulares à moderna vida econômica, social e política” (cap. 1, p. 3).

Quanto a isso, o primeiro argumento de Mandell é que o esporte moderno tem tênues conexões com as recreações fortuitas e guiadas pela moda dos europeus “pré-modernos”. Investigando aspectos do cotidiano da Europa nos séculos XVI, XVII e XVIII, ele observou que novos jogos e recreações foram sendo discretamente adaptados pelas emergentes classes sociais para ocupar um lugar em seu tempo de lazer. A naturalidade com que as práticas lúdicas foram integradas à dinâmica social, porém, talvez tenha levado os cronistas da época a darem pouco valor para descrições e análises dessas atividades. Provavelmente, a maioria dessas competições recreativas tinha poucas consequências para a vida social e somente ganhariam maior importância, segundo o autor, no século XIX. Mas,

o que chama atenção é que a transformação dos jogos em esportes não ocorreu de forma generalizada pela Europa: “O esporte moderno tem, ao contrário, origens particulares em lugares particulares e sob condições sociais e ideológicas” (cap. 6, p. 131).

O conceito moderno de esporte, para Mandell, formou-se no Reino Unido em conformidade com os desejos de diversão ou de ostentação das novas e ambiciosas classes sociais, e só depois disso espalhou-se pela América e por outros países da Europa. A Inglaterra é considerada como a pátria do esporte moderno não apenas porque os ingleses inventaram ou regulamentaram boa parte das modalidades esportivas hoje praticadas. É assim considerada também por ter introduzido uma série de inovações que mudaram a feição dos jogos e competições atléticas. Segundo ele, exemplos de novas idéias introduzidas são os obstáculos nas corridas, a mensuração de disparidades nas chances de vitória (como nas apostas), os conceitos de “esporte amador” e de “esporte limpo”, a noção de recorde esportivo. Ainda mais profundas e difíceis de especificar são algumas bases conceituais latentes que estruturam o esporte moderno, como as concepções sobre a inteira submissão da vontade individual a um propósito coletivo (trabalho de equipe) e sobre os ganhos obtidos com planejamento de longo prazo (ênfase nos benefícios do treinamento programado e sistemático).

Todos esses novos elementos, presentes na vida pública, desenvolveram-se na Inglaterra recebendo aprovação geral e aparentemente apartados da atividade econômica e política. Entretanto, para Mandell não pode ser coincidência que a Revolução Industrial tenha se desenvolvido na mesma época que se gestava o esporte moderno, nas décadas finais do século XVIII e nas décadas iniciais do XIX. E, desde que as transformações econômicas têm bases sociais e ideológicas que as precedem, as acompanham e as sucedem, o mesmo deve valer para o esporte. Assim, tanto o aparecimento dos novos esportes como o do novo modo de produção têm origens comuns no dinamismo da vida social inglesa. E ele acrescenta: “o esporte pode ser distinguido primeiro” (cap. 7, p. 136).

Para demonstrar que várias das características que marcam o esporte inglês podem ser encontradas antes da era industrial, Mandell recorre à história das corridas de cavalos.

Estas tinham sido freqüentes em muitas civilizações da Antiguidade e mesmo durante a Idade Média. Na Inglaterra, porém, desde o início do século XVII, as corridas de cavalos começaram a ganhar particularidades, como serem apreciadas por um número maior de pessoas (um público que pagava para assistir), envolverem um número maior de competidores e contarem com a participação de *jockeys* profissionais. Ao final do século XVIII – já em plena Revolução Industrial – havia procedimentos permanentes, um calendário regular, uma classe de apostadores profissionais, métodos de treinamento quase científicos e uma rica atividade econômica devotada ao aperfeiçoamento da raça.

Segundo ele, foi fundamental um refinamento na forma de determinar qual o cavalo mais rápido. Até o século XVII, o primeiro a cruzar a linha de chegada era declarado vencedor; mas, a partir do século XVIII tornou-se freqüente mensurar o tempo do percurso e compará-lo com o de outros torneios similares. A possibilidade de estabelecer com precisão a velocidade média era uma pré-condição para os “recordes esportivos” e incrementou os métodos de preparação, a realização de apostas e o interesse no resultado das corridas (isso vale também para o atletismo). Tais recordes são mais uma evidência da introdução de uma mentalidade racional na vida cotidiana inglesa. O sucesso e a precocidade do esporte inglês podem ser, dessa forma, atribuídos ao que Mandell se refere como “as aplicações racionais de tempo, energia, inteligência e finanças” (cap. 7, p. 141).

Outro esporte moderno que se desenvolveu a partir das particularidades socioculturais inglesas foi o pugilismo. O boxe, da forma como os ingleses passaram a praticá-lo (com uma etiqueta civilizada, regras escritas, luvas, *rounds*, árbitro e sistema de pontos) tinha apenas uma tênue ligação com os combates de épocas anteriores. As formas modernas de luta que se desenvolveram na Inglaterra (*boxing*) podem ser vistas, conforme Mandell assegura, como uma resposta construtiva ao seu correspondente menos digno, o duelo. Na França, o vencedor do duelo era tido como um herói; na Inglaterra era considerado como um “bruto” entre os *gentlemen*. Esta diferença talvez se deva ao fato dos puritanos terem governado a Inglaterra por longos períodos desde o século XVII e terem estabelecido padrões de conduta moral nos níveis superiores da sociedade. Os puritanos

criaram também uma atmosfera na qual algumas atividades recreativas eram encorajadas como boas e outras eram condenadas como “obra do demônio” (cap. 7, p. 147). E assim, conseguiram restringir o gosto popular por danças, apostas e esportes sangrentos. Além disso, uma crescente oposição ao duelo formou-se entre as influentes classes de comerciantes e industriais, que se opunham a ele não por razões morais, mas porque queriam se parecer com os nobres – e duelar era uma atitude descortês, “de baixa classe”.

De acordo com a interpretação de Mandell, à medida que a sociedade inglesa era transformada pela industrialização, uma tendência à racionalização, à padronização, ao cálculo e à mensuração tornava-se cada vez mais predominante na vida cultural da Inglaterra. Paralelamente, esses atributos viriam caracterizar os passatempos populares. O esporte, de modo semelhante à manufatura e aos negócios, tornou-se cada vez mais dirigido para obter eficiência e resultados comprováveis estatisticamente. Assim como os movimentos concomitantes no direito e na administração pública (que conduziram para codificações, constituições e normatizações), no esporte notou-se um movimento que o tornaria civilizado e codificado por regras escritas, as quais foram impostas por entidades reguladoras e aplicadas por árbitros neutros (juízes). Dessa forma, o esporte cumpriu um papel importante na reconstituição da identidade do povo inglês, num período de transição para a vida urbana e de difícil adaptação a um novo modo de vida. Nas suas palavras (cap. 7, pp. 151-2):

Os esportes ingleses, então, sustentaram, reforçaram e refletiram os pressupostos fundamentais que eram necessários para manter um consenso público quando o povo e a cultura local foram desenraizados. Eles serviram de base à disciplina social requerida para a sujeição ao trabalho industrial. [...] Embora seja verdadeiro que milhões de trabalhadores industriais foram mantidos afastados de qualquer espécie de recreação pela semana de 6 dias e pelo dia de 12 horas, grande número de artesãos, negociantes, supervisores, empreendedores, estudantes e diletantes abraçaram os novos esportes, não mais restritos a locais específicos. Eles procuravam prêmios, fama e prazer como participantes; divertimento como espectadores. O esporte não só facilitou, mas realmente promoveu a adaptação mental do conjunto da população para as demandas do mundo moderno.

Por outro lado, o esporte moderno não seria o que é sem invenções e impulsos criativos que freqüentemente são esquecidos nos estudos sobre o tema. Mandell cita a invenção de itens triviais como o cronômetro e as bolas de borracha, que influenciaram o

desenvolvimento de modalidades esportivas, assim como a difusão dos jornais de grande circulação, que deram notoriedade a alguns esportistas. Ele também faz referência a “invenções sociais” que teriam influenciado a estruturação do mundo esportivo, tais como a teoria constitucional (que antecede a codificação das regras esportivas) e as exposições internacionais (que precedem as competições atléticas entre nações). Além disso, afirma que não podem deixar de ser mencionadas certas atitudes ou idéias amplamente aceitas, como a igualdade de direitos e o patriotismo.

E ressalte-se que a disseminação das práticas esportivas modernas é facilitada, à medida que avança o processo de racionalização e secularização da cultura ocidental. Isto explica como é possível haver uma combinação entre as tradições anglo-americanas e as do continente europeu, cuja expressão máxima é o movimento olímpico internacional. Em última instância, permite entender a constituição do mundo esportivo contemporâneo.

Em suma, ao contrastar distintas formas esportivas/culturais e examinar várias questões pertinentes, a abordagem de Mandell contribuiu para: i) afirmar a posição do esporte como tema de diálogo entre disciplinas das Ciências Humanas; ii) delimitar um amplo campo de investigação em história do esporte, rejeitando tanto as versões do esporte como um fenômeno autônomo quanto as explicações baseadas num determinismo econômico; e iii) mostrar que o mundo esportivo contemporâneo é resultado de (e reforça) um processo de transformação cultural, no qual o esporte passa a atuar como um sistema significativo por meio do qual a ordem social é comunicada, reproduzida e legitimada. Seu enfoque privilegia o processo de racionalização das modalidades esportivas que vão sendo criadas e aprimoradas ao longo do tempo, expressão de um movimento mais amplo, no qual se destacam mudanças nas mentalidades e aspirações que estruturam os hábitos sociais nas nações mais desenvolvidas do Ocidente.

Certamente, podem ser apontadas muitas lacunas no livro, uma vez que a sua narrativa vai desde o antigo Egito até a sociedade de massas norte-americana. No caso do período aqui examinado, Mandell não dá ênfase para a tensão entre o lazer moderno, então privilégio das classes abastadas, e o lazer tradicional, refúgio das classes despossuídas. Ou

para os motivos que levaram os trabalhadores a escolher certas modalidades esportivas, como no caso do futebol. E não esclarece que, ao longo do século XIX, foram se alterando o que ele havia chamado de “demandas do mundo moderno”. Dessa forma, é difícil entender a diversidade de vetores que atuaram na ampliação notável do mundo esportivo.

Mandell também não dá ênfase para o fato de haver um embate ideológico em torno do controle das práticas esportivas na Inglaterra. Ele menciona o surgimento de uma certa mobilidade social para pugilistas e corredores, o que incentivava membros de classes inferiores a competir em modalidades geralmente restritas às classes superiores. Mas, limita-se a sugerir que essa maior participação de indivíduos de outras classes sociais conduziu para “aquela reação curiosamente anacrônica, o estabelecimento e fortalecimento de regulamentações amadoras” (cap. 7, p. 153). Essa reação se materializou, segundo ele, em 1866, quando o *Amateur Athletic Club* adotou o código do *Henley Regatta Committee*, que excluía das competições amadoras não apenas os esportistas profissionais, mas qualquer indivíduo que tivesse uma ocupação vulgar (mecânico, artesão, operário etc.). Contudo, a defesa do amadorismo não deve ser entendida, nessa época, meramente como um anacronismo, mas sim como um sintoma claro de que o ideal aristocrático de esporte estava sendo questionado e de que o mundo esportivo estava se polarizando.

De acordo com Stephen Hardy – em resenha publicada no *Journal of Sport History*, v. 12, n. 2, 1985 – o problema maior do livro diz respeito à dificuldade de encontrar uma matriz interpretativa capaz de unificar a miríade de detalhes desconectados, característica de estudos sobre história cultural. Para ele, a narrativa de Mandell se perde ao abordar a transição para o esporte moderno, quando este deixa de ser visto como reflexo passivo da ordem social, tornando-se uma força dinâmica que ajuda a configurar a nova ordem social e econômica emergente. E deixa sem resposta a questão essencial: o esporte é uma instituição cuja racionalidade reproduz a “jaula de ferro” de Weber ou pode ser o veículo de manifestação de forças direcionadas para uma transformação social libertadora?

De qualquer modo, esta não era uma questão central na discussão que Mandell pretendia travar com seus interlocutores. Seu estudo se contrapõe às leituras convencionais

da história do esporte, que adotam uma interpretação linear e factual. Também procura refutar a interpretação dos que vêem o esporte como mero produto da Revolução Industrial. Em muitos aspectos, pode-se dizer que as proposições de Mandell são convergentes com as formulações de Allen Guttman – que em 1978 havia publicado *From ritual to record: the nature of modern sports*, também pela Columbia University Press, New York – mas, evitando o formalismo analítico decorrente do uso de uma metodologia fundada em “tipos ideais”.

Pode-se dizer que Mandell oferece uma visão panorâmica das transformações do esporte, destacando os novos valores e aspirações que moldam a ação do indivíduo moderno, as conseqüências trazidas pelo progresso técnico e pelas inovações institucionais e os requisitos de adaptação a uma nova ordem social. Para ele, os historiadores do esporte moderno devem explicitar as mudanças culturais que instituíram práticas corporais competitivas construídas em bases racionais e estimularam a busca por eficiência nas atividades de lazer de pessoas das mais diferentes procedências. No século XIX, tais práticas sociais ajudaram os indivíduos a se adaptarem a uma sociedade que se urbanizava e se industrializava. E devem notar que, no século XX, com o progresso cultural, o esporte continuou ganhando novas feições e significados. Mandell menciona novidades sociais como a educação universal compulsória e o lazer de massa, a difusão da televisão e as teorias científicas do comportamento humano, para argumentar que novos determinantes passaram a atuar na definição das características e motivações do esporte contemporâneo, tornando mais complexo o entendimento de suas funções na sociedade.

Concluindo, não é difícil perceber que a limitação maior desta visão é justamente o seu caráter funcionalista, que restringe a percepção das contradições que permeiam o mundo esportivo e considera como desvios em relação à norma os elementos que contradizem a funcionalidade do esporte na dinâmica cultural contemporânea.

---

<sup>1</sup> “Quando nós olhamos para além da tradição esportiva moderna (a qual, como veremos, é ela mesma tão jovem e dinâmica que torna não apropriada a palavra ‘tradição’) devemos ser céticos. Se descobrimos uma antiga pedra chinesa gravada com uma figura humana chutando uma bola, não podemos assumir que se trata de um precursor do jogador de futebol moderno” (Mandell, op. cit., p. xii).